



Eixo Temático: 6 - Práticas pedagógicas, formação de professores e formação continuada

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fernanda Aparecida Szareski Pezzi¹

Marjana Alessandra Verdum²

Marli Dallagnol Frison³

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se como um transtorno do neurodesenvolvimento, definido a partir de comprometimentos em duas grandes áreas do desenvolvimento: (1) alteração da comunicação social e (2) a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados (APA, 2014). Com relação a sua incidência, constata-se um crescimento significativo de pessoas com TEA, nas escolas e no mundo. Estudos americanos apontam que, para cada 59 crianças nascidas, uma possui o Transtorno (CDCP, 2012). No Brasil, a incidência ainda não é conhecida, contudo, algumas pesquisas indicam que cerca de 600.000 pessoas possuem TEA, correspondendo a aproximadamente 0,3% da população do país (PAULA et al., 2011). Essas estatísticas refletem-se no sistema escolar, que tem efetuado muitas matrículas de crianças com TEA (INEP, 2019; LEMOS, 2016; SANTOS, 2019; WARPECHOWSKI, 2019). Entretanto, além do acesso, é necessário garantir a participação e a aprendizagem de todos os alunos com deficiências nas escolas (BRASIL, 2008), o que se coloca como um desafio para os professores, considerando a diversidade e as singularidades dos alunos, bem como as fragilidades dos processos formativos, no que diz respeito à educação inclusiva, da maioria dos programas de formação de professores.

Neste contexto, a inclusão de alunos com TEA pode despertar no professor uma série de reações, tendo em vista que por não se encaixarem em padrões de comportamento e de aprendizagem os quais eles tanto estudam, o atendimento a esses alunos pode gerar

1Psicóloga, Mestre em Psicologia, Doutoranda em Educação nas Ciências (UNIJUI), Bolsista Prosup/Capes. E-mail: psicologafernanda.sr@gmail.com

2Acadêmica de Psicologia da Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM. E-mail: marjana.alessandra@hotmail.com

3 Professora do Departamento de Ciências da Vida e do Programa de Pós-Graduação da UNIJUI. E-mail: marlif@unijui.edu.br



insegurança e a sensação de despreparo, ao mesmo tempo em que a sua atuação enquanto docente mostra-se fundamental para que a inclusão ocorra de modo satisfatório (CAMARGO et al., 2020; SANTOS, 2019). Diante disso, na revisão de literatura realizada por Schmidt et al. (2016) os autores apontam a necessidade de espaços de formação e trocas específicas para que os professores possam desenvolver práticas pedagógicas efetivas com os alunos diagnosticados com TEA, uma vez que na medida em que eles receberem um suporte técnico-pedagógico e se sentirem escutados e acolhidos em suas angústias poderão incorporar novas estratégias e (re)construir suas práticas pedagógicas em prol da inclusão de todos os alunos.

Vigotski (1997), um dos grandes defensores da inclusão, defende que a criança com deficiência não é simplesmente uma criança menos desenvolvida, mas uma criança desenvolvida de outro modo. Assim, a educação precisa despertar na criança o potencial que existe nela, oferecendo-lhe possibilidades para que ela tenha acesso aos estágios superiores de desenvolvimento psíquico (VIGOTSKI, 2009).

Diante dessas questões, este trabalho trata-se de um relato de experiência a partir de uma formação realizada para os servidores (equipes diretivas, professores, monitores, estagiários) das escolas municipais de educação infantil de um município do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. A formação foi realizada por uma psicóloga da Secretaria de Desenvolvimento Educacional em parceria com o Núcleo de Atenção à Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (NAPTEA) e as professoras do Centro de Atendimento Educacional Especializado - (CAEE) da rede municipal e teve como objetivo oportunizar aos servidores uma reflexão sobre os aspectos do desenvolvimento humano, a caracterização do TEA, destacando o papel do professor na inclusão e de como ele pode atuar no contexto da educação inclusiva visando o desenvolvimento de seus alunos.

A formação estava prevista para acontecer de forma presencial, contudo em decorrência de uma pandemia mundial, causada pelo Coronavírus, que provoca a COVID-19 (BRASIL, 2020), ela precisou ser adaptada e foi realizada através da plataforma Google Meet. Destaca-se que por ter um alto nível de contágio, a Covid-19 se espalhou rapidamente por todo o mundo, causando grandes mudanças nas vidas de todos exigindo uma adaptação a essa nova situação. Assim, considerando essa questão, foram propostos três encontros de forma virtual, que aconteceram no mês de setembro e contaram com a participação de mais de 200 servidores das escolas municipais de educação infantil.



Resultados e discussão

A inclusão dos alunos com autismo faz com que se reflita sobre os modelos e padrões, com isso amplia-se as discussões e se procura saber mais sobre os aspectos do autismo. Auxiliar os profissionais da educação para que possam se apropriar de outras posições discursivas (não focalizando as aprendizagens apenas sob o crivo da eficiência e rendimento) constitui-se como muito importante para a sua formação profissional e dos seus alunos (SANTOS, 2019).

Neste sentido, Vigotski (2007) defende a importância do ambiente para o desenvolvimento, pois quando o aprendizado é organizado de maneira adequada conduz o desenvolvimento mental e movimenta outros processos que não aconteceriam sem ele. O bom ensino é então aquele que se adianta ao desenvolvimento da criança (VIGOTSKI, 2016). Dito isso, intervir intencionalmente no aprendizado da criança é fundamental para o seu desenvolvimento, o que permite afirmar que uma sociedade com escola é muito diferente de uma sociedade sem intervenção pedagógica.

Destaca-se, assim, o papel desempenhado pela escola para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança, uma vez que os profissionais da escola têm melhores condições, comparadas ao ambiente familiar, de “identificarem o desenvolvimento real das crianças pequenas e promoverem novas formações psíquicas e novas formações da consciência por meio do ensino” (LAZARETTI; MAGALHÃES, 2019, p.11). Assim, a educação escolar não pode se limitar a proteger e atender as necessidades mais emergentes da criança, mas além disso apresentar o mundo cultural de forma sistemática e organizada.

No processo de escolarização não cabe a escola esperar que a criança amadureça, mas ela precisa criar as condições necessárias para que a criança aprenda e se desenvolva (ASBAHR; NASCIMENTO, 2013), sendo que as atividades-guia propostas pelos professores devem considerar a periodização do desenvolvimento (MARTINS, 2017). Afirmação respaldada pela pedagogia histórico-crítica, que defende que “o que não é garantido pela natureza tem que ser produzido historicamente pelos homens, e aí se incluem os próprios homens” (SAVIANI, 2003, p.13).

Diante dessas considerações, pode-se dizer que quando se trata de crianças com Transtorno do Espectro Autista, um dos dilemas encontrados pelos professores é a ausência



de um método único e definitivo para trabalhar com elas, uma vez que cada aluno mostra-se como singular, implicando que o docente o conheça na sua especificidade. Tal situação pode provocar sentimentos e reações diferentes de acordo com a postura assumida pelo docente (SANTOS, 2019). Daí a importância de uma rede de suporte ao professor para que ele possa ser escutado e acolhido nas suas necessidades.

Foi com esse intuito que a formação para os servidores das escolas de educação infantil foi desenvolvida. Para organização dos encontros, os profissionais das 20 escolas foram divididos em três grandes grupos. No dia combinado cada servidor que desejasse participar acessava o link para a reunião que aconteceu através do aplicativo do Google Meet. Neste sentido, destaca-se que no total mais de 200 profissionais participaram da formação, evidenciando a necessidade destes profissionais e o interesse pelo tema.

Destaca-se que nesta rede municipal já existe uma caminhada de muitos anos em prol da inclusão. Atualmente, nas escolas de educação infantil há cerca de 13 alunos diagnosticados com TEA e no discurso evidenciado pelos profissionais destacou-se a preocupação com o desenvolvimento e a aprendizagem destes alunos.

Nos três encontros oportunizados, a intenção não foi dar respostas prontas, mas diante da grande incidência de alunos com autismo, oportunizar um espaço para trocas de experiências, aprendizagens e escuta das angústias dos profissionais. Para além disso, destacar o protagonismo destes servidores que diariamente atendem crianças a partir dos quatro meses de vida até os seis anos de idade.

A partir da fala dos diferentes profissionais envolvidos na formação, desenvolveu-se as ideias da psicologia histórico-cultural. Apoiadas nesta teoria, destacou-se que independentemente de ter ou não uma deficiência, o desenvolvimento do aluno aos níveis superiores do desenvolvimento exige ações educativas que sejam intencionalmente orientadas para este objetivo, daí a importância das oportunidades que lhe são dadas de interagir com os pares e entrar em contato com as produções culturais (BARROCO; LEONARDO, 2016). De acordo com Vigotski (1997) o desenvolvimento de todo ser humano é histórico-cultural, para isto na escola o professor cumpre um importante papel enquanto intermediador deste processo.

Considerações finais



O presente relato de experiência teve como objetivo compartilhar aspectos de uma formação continuada desenvolvida com servidores das escolas de educação infantil de um município da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Com base na literatura da área, destaca-se a importância de espaços de escuta e de acolhimento aos profissionais que trabalham com a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A formação mostrou-se como um espaço importante em que esses profissionais puderam falar e expressar sobre suas angústias, emoções e reações frente aos seus alunos com TEA. Além disso, a partir da teoria histórico-cultural também puderam entender mais aspectos sobre o desenvolvimento humano e a importância de cada um para que a inclusão se efetive na prática. Assim, acredita-se que através da formação continuada pode-se auxiliar os professores a entender sobre as singularidades e questões comportamentais dessas crianças, contribuindo para seu o desenvolvimento humano.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5** (5. Ed.) Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASBAHR, F.S. F.; NASCIMENTO, C. P. Criança não é manga, não amadurece: conceito de maturação na teoria histórico-cultural. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 414-427, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 de dez. 2019.

BARBERINI, K Y. A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 46-55, jun. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 05 out. 2020.

BARROCO, S. M. S.; LEONARDO, N. S. T. A periodização histórico-cultural do desenvolvimento na educação especial. In: MARTINS, Lígia; ABRANTES, Angelo, FACCI, Marilda. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Tudo sobre a doença**. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 05 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Pública de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. PNEEPEI. 2008. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br>. Acesso em: 05 out. 2020.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

CAMARGO, S. P. H. et al. Desafios No Processo De Escolarização De Crianças Com Autismo No Contexto Inclusivo: Diretrizes Para Formação Continuada Na Perspectiva Dos Professores. **Educação em Revista**, v. 36, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982020000100223&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 Out. 2020.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDCP). (2018). **Autism Spectrum Disorder (ASD)**. Disponível em: <https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html> Acesso em: 16 mai. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar da Educação Básica 2018 Resumo Técnico**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/resumos-tecnicos1> Acesso em: 20 mai. 2020.

LAZARETTI, L. M.; MAGALHÃES, G. M. A primeira infância vai à escola: em defesa do ensino desenvolvente para todas as crianças. **Obutchénie**. v. 3, n.3, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/issue/view/1897>. Acesso em: 20 mai. 2020.

LE MOS, C. E. B. **Representação social dos professores de aluno com autismo sobre os processos de ensino e aprendizagem**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Ijuí, 2016.

MARTINS, L. M. Psicologia Histórico-cultural, Pedagogia Histórico-Crítica e Desenvolvimento Humano. In: L. M. Martins, A. A. Abrantes; M. G. D. Facci. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice** (pp.13-34). Campinas/SP: Autores Associados, 2016.

PAULA S. C., CUNHA R. G., SILVA C. L., TEIXEIRA V. T. C. M. Conceituação do Transtorno do Espectro Autista: Definição e Epidemiologia In: C. A. BOSA; M. TEIXEIRA (orgs.). **Autismo: Avaliação Psicológica e Neuropsicológica**. São Paulo: Hogrefe, 2017.

SANTOS, M. A.B. (2019). O discurso de professoras na inclusão de crianças com autismo. Universidade Federal do Maranhão. 83p. Disponível em: <https://rosario.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/3906/1/MarcosSantos.pdf> Acesso em: 05 out. 2020.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. Ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SCHMIDT, C.; NUNES, D. R.; PEREIRA, D. M.; OLIVEIRA, V. F.; NUERNBERG, A.; KUBASKI, C. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Psicologia: Teoria e Prática**, vol. 18, núm. 1, p. 222-235, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193846361017.pdf> Acesso em: 05 out. 2020.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

WARPECHOWSKI, T. R. **Desafios docentes para a constituição do educador inclusivo de sujeitos com Transtorno Do Espectro Autista (TEA)**. 2019. 257 f. Tese (Doutorado em Educação nas Ciências). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2019.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas** – V. Fundamentos de defectología. La Habana: Pueblo y Educación, 1997.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

Palavras-chave: Educação Infantil. Formação de professores. Inclusão. Transtorno do Espectro Autista.